



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**THIAGO PEREIRA LEITE**

**UM OLHAR SOBRE AS FESTAS JUNINAS E SEUS NOVOS  
CENÁRIOS: O CASO DO SÃO JOÃO DE ALAGOA NOVA- BREJO  
PARAÍBANO (1970-1990)**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

**THIAGO PEREIRA LEITE**

**UM OLHAR SOBRE AS FESTAS JUNINAS E SEUS NOVOS  
CENÁRIOS: O CASO DO SÃO JOÃO DE ALAGOA NOVA- BREJO  
PARAÍBANO (1970-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.  
Área de concentração: História  
Orientador: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana.

CAMPINA GRANDE – PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L533o Leite, Thiago Pereira.  
Um olhar sobre as festas Juninas e seus novos cenários  
[manuscrito] : o caso do são João de Alagoa Nova (1970-1990)  
/ Thiago Pereira Leite. - 2019.  
18 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana,  
Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Festas juninas. 2. Tradição cultural. 3. Espaço urbano.  
4. Espetacularização. I. Título

21. ed. CDD 907.2

## THIAGO PEREIRA LEITE

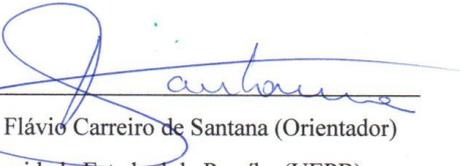
### UM OLHAR SOBRE AS FESTAS JUNINAS E SEUS NOVOS CENÁRIOS: O CASO DO SÃO JOÃO DE ALAGOA NOVA- BREJO PARAÍBANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História.

Aprovado em: 27/11/ 2019.

#### BANCA EXAMINADORA



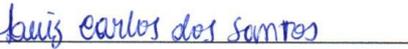
---

Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**“A união faz a força, faz a festa e faz história...”**  
(Luciano Figueiredo)

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1- INTRODUÇÃO   | 05 |
| 2- ALAGOA NOVA- SENTIDOS DA FESTA JUNINA E DO FESTEJAR  | 06 |
| 3- MEMÓRIAS DO SÃO JOÃO DO PASSADO  | 08 |
| 3.1. “OS PRIMÓRDIOS DO SÃO JOÃO DE FORA”  | 11 |
| 4- DAS PEQUENAS FESTAS JUNINAS COMUNITÁRIAS ÀS FESTAS<br>ESPETACULARIZADAS: TRADIÇÃO EM MOVIMENTO | 12 |
| 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS   | 15 |
| 6- BIBLIOGRAFIA   | 16 |

# UM OLHAR SOBRE AS FESTAS JUNINAS E SEUS NOVOS CENÁRIOS: O CASO DO SÃO JOÃO DE ALAGOA NOVA- BREJO PARAÍBANO (1970-1990)

Thiago Pereira Leite<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo corresponde à investigação de práticas e representações que tornaram possível a existência da festa junina no espaço urbano e que construíram imagens de um povo e de uma cidade mediadas por um processo de reinvenção, apropriação e conservação da “tradição junina” em um novo espaço e em uma nova temporalidade. As festas juninas perderam o formato de festa interiorana e adquiriram a forma de festivais e a condição de “espetáculos urbanos”, agregando, ao espaço festivo, novos elementos e funcionalidades. A pesquisa tem como objetivo analisar as práticas, as experiências e os discursos que tornaram possível uma determinada visão do evento junino em sua versão urbanizada, entre as décadas de 1970, 1980 e 1990 na cidade de Alagoa Nova-PB, Brejo Paraibano. A pesquisa apresenta como aporte metodológico uma abordagem qualitativa e realização de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa empírica foi realizada no mês de janeiro de 2019 em Alagoa Nova-PB.

**Palavras-chave:** Festas juninas. Espaço urbano. Espetacularização. Tradição.

## ABSTRACT

The present article correspondent the investigation of the practices and discourses that have become possible the existence of the June festival in the urban space and that have construct images of the a people and of the a city mediated by a process of the reinvention, appropriation, and conservation of the “June tradition” in a new space and a new temporality. The June festivals have lost the format of the up country parties and acquired the form of festivals and the condition of "urban spectacles" aggregate to the festive space, new elements and functionalities. The research has as objective to analyze the practices, experiences and discourses that have become possible a determined vision of the June event in its urbanized version, between the 70, 80 and 90s in the city of Alagoa Nova – swamp Paraíbano. The research presents as methodological a qualitative abordagem and realization of the interviews semi-structured. The empirical research was accomplished in January 2019 in Alagoa Nova – PB.

**Keywords:** June parties. Urban space. Spectacularization. Tradition.

---

1 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Membro colaborador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL). E-mail: theventos33@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

Dentre as várias manifestações festivas do calendário cultural brasileiro, as festas juninas se destacam pela sua importância como prática cultural arraigada no imaginário coletivo, notadamente na região Nordeste do Brasil. Essa prática festiva, antes relacionada à dimensão comunitária e às festas na casa de familiares e amigos, ampliou-se e se tornou mais complexa, envolvendo diversos agentes e espaços. Comemora-se o ciclo junino na casa, na rua, nos bairros, com a família, com amigos, em grupos, em mercados e praças públicas, palhoças festivas privadas, ou até mesmo em arenas festivas. A partir sobretudo dos anos 1983, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado pela iniciativa da Prefeitura Municipal de Alagoa Nova, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção turística e midiática da cidade, passando a ser, em sua versão urbanizada, um evento, não só pra ser vivido pelos alagoa-novenses, mas, sobretudo, para ser visto. A partir da década de 1990, Alagoa Nova passou a adotar as festas juninas como o principal evento festivo do seu calendário.

Os festejos do mês de junho são o grande atrativo. A cada ano, a festa se moderniza e se renova. É o período mais propício para se investir no turismo local, pois várias pessoas chegam a cidade devido à fama do seu festejo e são convidados a permanecer nela para visitar seus pontos turísticos e conhecer suas manifestações.

Com base na constatação do crescente “fenômeno da festa junina”, esse trabalho trata da criação, apropriação e conservação da tradição da festa junina na cidade de Alagoa Nova, tendo como ponto de investigação e análise as práticas e os discursos que aos pouco a legitimaram como um acontecimento importante para a cidade, para os seus habitantes, para a economia, cultura local, legitimação de práticas políticas e etc.

Ou seja, esse trabalho busca analisar as experiências, as práticas, e os discursos que tornaram possível uma determinada visão de evento junino em sua versão urbanizada, atentando para as categorias e enunciados que o objetivaram como um fenômeno que “sempre existiu”, arraigado na ideia de continuidade da tradição<sup>2</sup> e experiência coletiva.

Para a realização desse trabalho, analisaram-se fundamentalmente bibliografias e documentos, bem como se consultou arquivos pessoais de organizadores, secretários e prefeitos que trabalharam na Prefeitura Municipal, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, cobrindo os meses de abril, maio, junho e julho, a fim de investigar a construção da festa junina na cidade de Alagoa Nova.

Realizamos exaustivo trabalho de campo nos mais diversos espaços da festa, como no Mercado Público, Bairro Santa Luzia, Rua Patrício Freire, dentre outras, fazendo anotações e observações, bem como registrando os seus cenários atuais com fotografias. A aquisição de fotografias sobre as festas do “São João Tradição” também se mostrou como um importante recurso para a análise do tema em questão.

As fotografias nos remete ao passado por mais próximo que esse passado esteja de nós, nos incita a imaginarmos determinadas situações a partir de uma simples paisagem, quer urbana; quer rural; aproxima-nos de modos de vida diferentes dos nossos, de modos, de hábito, de forma de viver, elas, enfim, tendem sempre a nos

---

2 A noção de tradição “autoriza a reduzir a diferença característica de qualquer começo para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos.” FOUCAULT, 1987, p.23.

colocar a questão: como as pessoas viviam o seu cotidiano, como seria o mundo daquele passado? (CABRAL FILHO, 2009, p. 15).

O papel da fotografia tem se tornado muito importante no momento em que as mesmas são acessadas como fontes históricas. Dessa forma, procuramos fazer uma viagem ao tempo passado no intuito de perceber essas transformações que são lembradas e acessadas a partir das memórias que são avivadas pela presença das imagens fotográficas.

Outra fonte de coleta de dados foi à pesquisa bibliográfica sobre a festa junina segundo a visão folclórica. Neste particular, a bibliografia é vasta e representada por diversos autores, tais como Ernesto Veiga de Oliveira, Luís da Câmara Cascudo, Luís de Oliveira Guimarães e Melo Moraes Filho, que foram investigados, a partir de textos que, em forma de artigos ou livros, intentam fazer uma descrição da festa junina como um patrimônio de uma cultura em franco desaparecimento, sendo missão profícua de seus analistas, resgatá-las como uma sobrevivência de um mundo idílico corrompido pela modernidade. Baluartes da ideia de tradição, como o grande e, talvez, maior patrimônio de um povo e de sua cultura, esses autores conjecturam sobre os riscos da perda da tradição e alertam para a necessidade de não deixar “morrer”, subsumir no mundo “moderno” os “verdadeiros sentimentos de um povo que se nutre do respeito às origens de sua festa mais legítima”.

No intento de concluir a coleta de dados, foi feito um levantamento da bibliografia sobre as festas no Brasil, bem como sobre o conceito de festas. Tal material serviu para construir e propor teórica e metodologicamente a concepção de festa na qual este trabalho se apoia, bem como para trazer à luz a enorme carência de estudos acadêmicos sobre o tema da festa junina.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, baseada na realização de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se na realização de citações diretas dos envolvidos nos festejos, sobre suas experiências. Esses dados serviram para a compreensão da dinâmica espacial dos festejos.

## **2. ALAGOA NOVA- SENTIDOS DA FESTAS JUNINA E DO FESTEJAR**

Alagoa Nova é um município do estado da Paraíba distante de Campina Grande 28 km e da capital, João Pessoa, 148 km. Está encravada na mesorregião do agreste e na microrregião do Brejo paraibano, com uma área de 122,25 km<sup>2</sup>. Limita-se ao norte com os municípios de Esperança, Remígio e Areia; ao sul com Matinhas; a oeste com São Sebastião de Lagoa de Roça e a leste com Alagoa Grande. Segundo o Conselho Nacional de Estatísticas ocupa o 41º lugar em extensão entre os municípios dos estados e representa 0,34% da área total do estado. O município de Alagoa Nova possui uma população de 19.686 habitantes e uma densidade demográfica aproximadamente de 151,9 hab/ km<sup>2</sup> estando uma população de 9.889 localizada na zona rural enquanto um menor número de habitantes 9.797 concentra-se na zona urbana segundo o censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A economia do município fundamenta-se na agricultura destacando-se banana, laranja, batata-doce e cana-de-açúcar, entre outros. Praticam-se ainda a pecuária de pequena escala e semi-intensiva, sobretudo a bovina. Importante ressaltar que a produção de frutas faz do município uma das principais fontes de abastecimento para o mercado regional.

Apesar da produção de frutas, como a banana e a laranja terem destaque no município de Alagoa Nova, enfatiza-se aqui outro produto de grande relevância a cana de açúcar, por ser nesta localidade, ou seja, na área do brejo paraibano em que mais se cultiva esse produto em grande escala. Alagoa Nova é um dos municípios do brejo em que muito se

cultivou a cana de açúcar, por conseguinte abrigou um considerável número de engenhos no seu território entre os séculos XVIII, XIX e XX. (BORGES, 1990, p.66).

No final da década de 1980 e início da década de 1990, com o surgimento das usinas como meio de beneficiamento da cana de açúcar, os engenhos começaram a perder força e poder, o império canavieiro de Alagoa Nova foi suprimido, gerando assim o Êxodo Rural, a migração do homem do campo em busca de melhores condições de vida na cidade.

É importante ressaltar que com o fim da(s) agroindústria(s) em Alagoa Nova, particularmente dos engenhos Mazagão e Assis, o que surge é uma extensão dos espaços urbano periféricos, a partir do surgimento do Bairro Santa Luzia, bem como de um aglomerado de outras ruas, onde outrora havia um canal. Do exposto faz-se necessário descrever a fala do professor Givonaldo:

Em 1985, já se tinha aqui na cidade o fenômeno de formação de um grande bairro, o Santa Lúzia, por conta da transferência da população rural dos engenhos que estavam fechando transferindo-se para as pontas da cidade. E aqui na cidade o local onde estava sendo disponibilizado a preços populares eram as áreas que corresponde hoje ao Bairro Santa Lúzia que antes correspondia ao engenho Mazagão e uma pequena parte do engenho Assis<sup>3</sup>.

Distantes de seus locais de origem, as populações oriundas do êxodo rural preservaram à vontade pelos festejos juninos e por outros folguedos, merecendo um certo destaque as novenas de santos e os famosos cruzeiros<sup>4</sup>. Cabe salientar que esses migrantes, além do destaque do trabalho no campo e nos engenhos, tinham a “fama” de povo festeiro, alegre e culturalmente instruído, são alguns adjetivos propalados para defini-los. Assim a construção e o conseqüente sucesso da festa junina deve se, em grande medida, às peculiaridades da cultura local, pois sempre existiu na zona rural em torno dos engenhos, toda uma sensibilidade para o lazer, para o lúdico, para o festejar. As festas desse período em Alagoa Nova, enfatizaram o caráter funcional da festa e a oposição entre o “calendário da rotina e do trabalho do homem” bem como o “tempo faústico” contido na festa (DEL PRIORE, 2000, p.10). Essa divisão entre o trabalho e o lazer perdura nos dias atuais nas festas urbanas.

Os festejos juninos de origem rural, representa a mudança de estação climática e o início do ciclo da fartura ou colheita, momento de celebração e agradecimento, reverenciando os três santos do calendário litúrgico: Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. Por sua vez, no campo das superstições, São João é simbolizado como um “santo do amor”, além de “amante da festa”; destaca-se, ainda, seus dotes para “adivinhação” e, nesse sentido, as “práticas oraculares” preenchem a tônica da festa e seu aspecto lúdico<sup>5</sup>.

Os símbolos que representam esse ciclo são a fogueira, os fogos de artifícios, as quadrilhas, as danças, o forró, as comidas e bebidas típicas da época e, mais recentemente, os espetáculos e os cenários dos grandes eventos festivos. As festas se destacam pelas relações

3 Entrevista concedida ao autor pelo geógrafo Givonaldo Alves do Nascimento, nos dias 19/04/2019 e 10/05/2019 em Alagoa Nova-PB.

4 Festejo Junino tradicional que mistura o sagrado e o profano para comemorar a noite do santo junino, nos terreiros da zona rural, animado pelos grupos de pífano, dança da mulatinha e o coco-de-roda.

5 São João Batista é considerado, entre os folcloristas investigados, como o santo do amor e do erotismo. Sua “fama” faz dele uma espécie de mago com poderes de ajudar a seus consulentes a encontrar um amor. O Oraculo das adivinhações é o instrumento utilizado para responder as questões dirigidas ao santo, na véspera e no dia em que se comemoram o seu nascimento. 23 e 24 de junho. Sobre as “advinhas de São João” consultar os trabalhos de MELO, 1949, p. 01-11; STUDART apud CASCUDO, 1956, p.20-25 e CASCUDO, 1983, p. 178-189.

sociais que proporcionam e pelos valores simbólicos concebidos no espaço social e cultural. Segundo Bonnermaison e Orstom (2002), o espaço cultural é carregado de afetividade e significações; em sua expressão forte, torna-se território-santuário, isto é, um espaço de trama de territórios vivos, carregados de símbolos, cultura e afetividade. Nesse sentido o senhor Otávio relata:

Em torno das fogueiras, grupos de adultos de ambos os sexos, de mãos dadas, cantam, saltam-nas, passam de uma fogueira para outra, misturam-se os grupos. Estes vão se avolumando até reunirem-se todos ao redor de uma grande fogueira no terreiro da casa grande. Ali todos cantam ao som do forró pé de serra que põe no corpo da gente uma vontade insopitável de dançar, de bailar, pois seu ritmo é convidativo. Ela congrega os membros adultos da comunidade, caem as barreiras sociais, pobres e ricos, moradores das casas de tijolos e das barracas de palhas, de mãos dadas, alegres e felizes cantam esquecendo-se das tricas políticas, das desditas, das mágoas, das rixas e intrigas familiares, do bate-boca de comadres, dos desníveis sociais. Ali todos pertencem à grande família alagoa-novense- uma, alegre e feliz<sup>6</sup>.

Atualmente a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza os elementos da tradição junina, para ser reinventada e conservada como um espetáculo de cenários, cores, sons e luzes; como uma festa comercializada, que significa marketing social, econômico, cultural, político e turístico.

Ao ser reinventada, apropriada e conservada no espaço urbano, a tradição da festa junina adquire novos e múltiplos sentidos que não dizem respeito apenas a uma suposta perda de sua autenticidade.

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passam por processos de recriações e atualizações; como destaca Paulo Claval (1999), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. Esta concepção de cultura como sistema aberto, permite ao pesquisador compreender o dinamismo de algumas manifestações culturais que preservam alguns elementos importantes que representam a ponte entre o passado e o presente. Para que ocorram as mudanças, transformações e reinvenções das práticas culturais, os contratos são fundamentais, como lembra Claval (1999), e, nesse aspecto, notou-se uma intensidade de formas de informação e comunicação nas últimas décadas.

### **3. MEMÓRIAS DO SÃO JOÃO DO PASSADO**

O hábito de festejar os chamados santos juninos ou o ciclo junino é um costume antigo no Brasil e, particularmente, na região Nordeste. Na cidade de Alagoa Nova a festa junina sempre fez parte do calendário das festas religiosas, mas o que se observa, segundo os relatos de memórias sobre o São João do passado, é que a forma de comemorar os santos juninos é diversa do modelo adotado atualmente. Um fato observado nas primeiras décadas do século XX é que a festa junina tinha por característica ser um evento familiar, ou seja, um momento de encontro e confraternização entre familiares e amigos, que reuniam na véspera da noite de São João- 23 de junho- principalmente nas granjas, sítios e fazendas circunvizinhas à cidade, para se divertirem com a queima de fogueiras, a soltura de balões e de fogos de artifícios.

---

6 Entrevista concedida ao autor pelo Sr. Otávio Leite Sobrinho, ex. prefeito de Alagoa Nova no período de 1983 à 1996, nos dias 15/03/2019 e 20/03/2019 em Alagoa Nova-PB.

A cidade praticamente ficava vazia na véspera da noite de São João, pois quem podia dirigia-se ao espaço rural para passar a noite festejando o santo festeiro. E aqueles que permaneciam na cidade tinham por opção frequentar algum clube social ou associação, a exemplo do clube 21 de Abril, AABE- Associação Atlética Banco do Estado, ou simplesmente ficar na calçada das residências a admirar a fogueira sendo paulatinamente queimada ao som de fogos de artifícios lançado ao ar.

As décadas de 1960 e 1970 são marcadas pelas comemorações juninas no Clube 21 de Abril, reunindo a sociedade e não o povão, em noites animadas, sempre terminada com uma grande quadrilha que começava dentro do clube e se espalhava pela rua central da cidade, hoje conhecida com Avenida Presidente João Pessoa. Quem não tinha a oportunidade de participar dos festejos juninos do clube, se deslocavam para a associação popular que existia ao lado, Associação Recreativa de Alagoa Nova. O Clube 21 de Abril não era apenas de comemorações festivas, mas também, palco para outros acontecimentos políticos, sociais e culturais. Em 1988, no mandato do prefeito Otávio Leite Sobrinho, o Clube se transforma em um Teatro Municipal através de uma verba do governo federal. Nesse sentido, nos relata o poeta, jornalista e historiador, Luís Avelima:

Éramos pequenos e não podíamos ficar na rua até tarde, mas em dias de festa no 21 de Abril a gente fugia de casa e, espremidos aqui acolá, chegávamos até uma das janelas para ver as pessoas da sociedade dançar. Os conjuntos eram de excelente qualidade, animavam os festeiros com seu forró autêntico. Nas ruas, as janelas abertas, com as pessoas colocando travesseiros ou até mesmo toalhas para proteger os cotovelos, mas jamais perdiam a animação que lá embaixo passava. E quando a gente via que os ponteiros do relógio chegavam às dez, corríamos de volta para casa, onde uma janela tinha sido deixada entreaberta. Éramos uns cinderela de calças<sup>7</sup>.



**Fotografia nº 1-** Comemoração no Clube 21 de Abril, 1956. Acervo pessoal de Luís Avelima. Janeiro de 2019.

No palco do Clube 21 de Abril se apresentavam, o “conjunto musical afamado” da cidade de Esperança, Manoel Tambor, além dos artistas locais como, Zé de Carlos, Chiquim Fernandes e Chico de Pepé, todos tocavam o consagrado forró autêntico pé-de-serra.

Segundo a historiadora Ana Lúcia, a partir da década de 1970 já existiam, além de clube social e associações, alguns outros polos de comemoração da festa junina em Alagoa

---

7 Entrevista concedida ao autor pelo cantor, compositor, poeta, tradutor e historiador Luís Avelima Lima, nos dias 13/04/2019, 10/05/2019 e 12/05/2019.

Nova; contudo, ela era dispersa pelos bairros e uma ou outra manifestação era decorrente da iniciativa individual, por parte de algum morador da rua ou bairro, que decidia armar uma palhoça e contratava um grupo musical para animar o baile. Esse estilo de comemoração era conhecido na época por “latada”. Como exemplo ela narra sobre as latadas organizadas por um morador da cidade, Carlos Antônio conhecido como Totinha, a partir do ano de 1973:

Carlos armava uma palhoça ao lado da bodega de seus pais, contratava um conjunto musical, a entrada era gratuita, mas para poder dançar com sua “cavaleira”<sup>8</sup> o cavalheiro tinha que pagar uma cota simbólica, em troca recebiam dos organizadores do evento um laço de fita de cetim que deveria ser preso por um alfinete na sua camisa como forma de controle. A disciplina ficava a custo dos “mal encarados” que tomavam conta do baile, para evitar brigas de bêbados, de moleques e até mesmo dos filhos de família. Havia uma forte disputa entre os homens para dançarem com algumas damas que vinham de outras cidades, elas se hospedavam em casa de parentes e amigos, mulheres cheirosas e sempre bem vestidas em finos trajes e joias. Quando chegavam no forró os homens enlouqueciam atrás delas, as “encomendadas”. Geralmente quando terminava o famoso forró de Totinha muitos se deslocavam para curtir o resto da noite nas casas de prazer, algumas localizado no bairro popular da época, a Batatinha, conhecida hoje por Bairro Santa Lúzia. Destaco aqui alguns dos dançarinos oficiais que abriam o salão: Sr. Antônio da Cruz, Sr. Egídio, Sr. Vicente com D. Zé Nete e o próprio Totinha. Era um festão. A palhoça ficava na rua Patrício Freire por trás da Igreja Matriz<sup>9</sup>.

Ainda na década de 1970, respectivamente nos anos de 1973 a 1978, outra festa junina se notabiliza, a festa de São João organizada por um conhecido comerciante da cidade, Toin de Almeida:

Outra festa de São João que criou fama aqui em Alagoa Nova foi a latada de Toin do Almeida. Acontecia em uma palhoça em frete a casa, funcionava no mesmo estilo dos festejos de Totinha, só que a palhoça de Toin era permanente, onde havia uma vida noturna constante durante o ano todo e com mais força no mês de junho. Essa palhoça localizava-se na Batatinha, lugar bastante discriminado na época pelas famílias tradicionais da cidade, por nessa área localizar-se um considerável número de casas noturnas. As moças consideradas de família eram orientadas a transitar pela cidade desde que do “pirauá pra trás”<sup>10</sup>, excluindo o bairro da Batatinha como um lugar impróprio. Mesmo assim, com a notória exclusão por parte de alguns da cidade, os festejos de Toin de Almeida atraía meio mundo. E de ano a ano a coisa ia ficando mais animada com grande participação popular<sup>11</sup>.

A realização dos dois eventos acima descritos possui uma peculiaridade; todos são um empreendimento econômico, uma vez que o acesso e participação na festa tinha por condições a aquisição e pagamento de um ingresso/cota. É certo que os preços cobrados eram bem menores que os empregados nas associações e clubes sociais da cidade, fato que acabou por contribuir para um considerável aumento e frequência do público com menor poder aquisitivo a estes bailes.

---

8 Dama com a qual o dançarino se divertia dançando nas famosas latadas.

9 Entrevista concedida ao autor pela Historiadora Ana Lúcia Alves de Aquino, nos dias 21/06/2019, 11/07/2019 e 13/11/2019 em Alagoa Nova-PB.

10 Árvore centenária que localizava-se ao lado do cemitério São Miguel na rua: Antunes Brandão, vulgo Rua da Batatinha, onde encontra-se as tradicionais casas noturnas, frequentadas por homens que buscavam os prazeres da noite.

11 Entrevista concedida ao autor pela Historiadora Ana Lúcia Alves de Aquino, nos dias 21/06/2019, 11/07/2019 e 13/11/2019 em Alagoa Nova-PB.

Já durante a década de 80, segundo a mesma historiadora, um outro evento se destaca na cidade: Os famosos bailes da AABE- Associação Atlética do Banco do Estado, espaço disponibilizado a sociedade alagoa-novense para seus eventos em Geral. As festas organizadas nessa associação são as mais comentadas pela população, vários são os relatos e experiências vividas nesse local. Os festejos organizados na AABE eram no estilo do Clube 21 de Abril, participavam os que adquiriam convites ou custeio de ingresso ou cota.



**Fotografia nº 2-** Comemoração Junina na Associação Atlética Banco do Estado- AABE, 1958. Acervo pessoal de Luís Avelima. Janeiro de 2019.

A festa de São João foi nos primeiros anos da década de 80 um evento disseminado por toda cidade; nos bairros e ruas, quadrilhas juninas se apresentavam; associações, clubes sociais promoviam animadas noites de forró; pais enfeitavam seus filhos para dançarem nas quadrilhas juninas nas escolas e centenas de famílias, em suas residências, comemoravam as noites de Santo Antônio, São João, São Pedro, acendendo fogueiras nas calçadas, deleitando-se com comidas típicas, como por exemplo, milho assado, canjica e pamonha, soltando fogos de artifícios e balões. Esse era o modelo de festejar o ciclo junino. Um evento que “tomava conta” da cidade e que oferecia ao alagoa-novense diversos locais de entretenimento. Até então, a Prefeitura Município não intervinha na organização e na dinâmica da festa, ela acontecia na dispersão das ruas, bairros e clubes. Era resultado da iniciativa de grupos da sociedade e de comunidades de festeiros que se reuniam e transformavam as suas ruas em animadas noites de São João. Destacando-se: O Arraial da Avenida, na conhecida Rua do Leite (Av. São Sebastião), Arraial dos Ciganos na Rua Clodomiro Leal, Arraial da amizade na Rua Manoel Tavares, Arraial dos ilustres na Rua Jose Saldanha, dentre outros.

### **3.1. “OS PRIMÓRDIOS DO SÃO JOÃO DE FORA”**

É só na primeira gestão do prefeito Otávio Leite Sobrinho, 1983 à 1988, que há uma tentativa concreta da Prefeitura Municipal de centralizar o festejo junino na cidade de Alagoa Nova e, para tanto, a primeira providência tomada foi com relação à organização do evento: montagem, organização, supervisão e referenciação seguido da escolha de um lugar para a festa, definir um espaço e um tempo determinado para realização do evento, marca o início do

processo de instituição da festa junina no espaço urbano. Nesse período é sinalizado as primeiras iniciativas, mesmo incipientes, de apoios e patrocínios do que viria a ser posteriormente denominado de “São João de rua”, para se opor à noção “São João de dentro”, ou seja, aos festejos nas palhoças privadas, associações e clubes locais.

Assim a Prefeitura Municipal de Alagoa Nova, através da Secretaria de Educação e Cultura em conjunto com a Secretaria de Administração transforma um novo espaço para a festa junina na cidade; monta um verdadeiro arraial junino dentro do mercado público municipal Joca Torres, com oito barracas de comidas e bebidas típicas, palco para apresentações de shows musicais e espaço para apresentações culturais, localizado no Centro da cidade.

A ideia básica dos órgãos ligados à Prefeitura Municipal, como Secretaria de Administração e a Secretaria de Educação e Cultura, é a de utilizar os próprios recursos de que a cidade já dispunha para festejar a festas juninas, até então dispersa em diversos setores da cidade e unificá-los em um novo espaço: o mercado público. Daí a presença das escolas da rede municipal e particular de ensino que, desta feita, se deslocam dos auditórios e pátios das escolas, para se apresentarem em um arraial montado pela Prefeitura e para um público não mais restrito apenas aos educadores, alunos e familiares, mas para os alagoa-novenses como um todo. O mesmo reforço dado pelas escolas para apoiar à iniciativa da Prefeitura é somado pelas Associações, clubes, sociedades de amigos de bairros da cidade, que igualmente passaram a participar do evento junino.

Ao promover o evento junino em um novo espaço- lugar simbólico- espaço público, de livre acesso a toda a comunidade alagoa-novense, a Prefeitura Municipal inaugura uma nova fase dos festejos juninos em Alagoa Nova. Tal iniciativa provoca, de certa maneira, a migração da população, até então dispersa em vários espaços da cidade, como clubes, associações, pátios e ruas, para um espaço com pretensões de unificar a festa, restringi-la e controlá-la sob a coordenação de secretários e assessores municipais que passam a cumprir o papel de coordenadores e mentores do evento. Este modelo de organização da festa junina em Alagoa nova, ao ser inaugurado pelo prefeito Otávio Leite Sobrinho, nos primeiros anos de sua administração, serve de inspiração para os futuros governantes da cidade e torna-se paulatinamente, o modelo dominante da festa durante o período junino.

#### **4. DAS PEQUENAS FESTAS JUNINAS COMUNITÁRIAS ÀS FESTAS ESPETACULARIZADAS: TRADIÇÃO EM MOVIMENTO**

Entende-se por tradição algo que, mesmo criado e reinventado, alterando seus mitos fundadores, se repete ao longo dos anos, gerando uma impressão de ser autêntico.

Para Hobsbawm, “inventa-se novas tradições quando ocorrem transformações amplas e rápidas tanto da demanda quanto da oferta”.(p.12-13). “Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formação e ritualização, caracterizando por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição de repetição”. (HOBSBAWM, 2008. p.12).

As antigas tradições vão sendo substituídas por novos padrões de interação sociocultural. A mídia e as instituições transformam as festas em espetáculos coletivos, fruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos. (MELO, 2008, p.77).

Nesse sentido, o festejo junino no espaço urbano perde o seu referencial concreto de “festa rural”, de exemplo de “manifestação da cultura popular”, de “festa da tradição”, e

“religiosidade popular”, para se instituir como uma tradição inventada<sup>12</sup>, um espetáculo<sup>13</sup>, passando a existir como uma festa comercializada por meio de um marketing turístico, econômico, social, cultural e político. A festa de São João, tal como é construída no espaço urbano, é uma fabricação, uma produção prática e discursiva, cênica e imagética, a qual toma a ideia de tradição principal e fundamental enunciado e elemento definidor do evento junino.

A ideia de tradição da festa junina, ao ser redirecionada para a cidade, não só serve de instrumento de legitimação do evento, como sustenta e reproduz uma articulada tríade que denominamos de criação, apropriação e conservação da tradição, na qual discursos e práticas revivem na cidade o “São João dos antepassados, ao mesmo tempo em que inserem a figura do “novo” nas imagens da festa, mas que conservam e cartografam os elementos do “antigo” convivendo de maneira harmônica com os fantasmas e com as fantasias que a festa promete.

Para que a tradição seja mantida perante as exigências de um mundo globalizado se faz necessário a inclusão de novos símbolos e ritos. As festas tiveram que se espetacularizar e explorar sua inventividade para se firmar perante as festas das grandes cidades do Nordeste. Cada cidade busca chamar a atenção do turista para o seu “arraial” e ganha audiência a cidade que melhor oferecer entretenimento com atrações que despertem as “fantasias da festa”. Neste sentido, a competição entre as cidades como Campina Grande, Caruaru, Estância, Areia Branca e São Luiz, são algumas de maior destaque na construção do evento junino.

A festa, para se materializar e se territorializar, necessita ser imaginada e criada como um fenômeno coletivo, como uma unidade e uma homogeneidade que englobariam todo o povo alagoa-novense em torno da sua execução, daí porque ela não deve ser pensada como um evento isolado ou o resultado de uma iniciativa particular, individualizada. Ela deve ser concebida como produto do somatório de esforços, por exemplo, da Prefeitura, por meio dos setores organizadores da festa, dos patrocinadores, que contribuem para o sucesso do evento e principalmente, do cidadão, que com a sua presença efetiva na festa, não só ocupa os seus espaços, mas transformam em prática o acontecimento junino.

Nas décadas de 1980 e início de 1990, a festa junina passa a assumir novos e múltiplos sentidos: é uma festa para incentivar o turismo, para servir como uma espécie de cartão-postal da cidade, para orgulhar os seus habitantes, para destacar os seus políticos locais, para incrementar a economia local, para destacar o folclore local, as origens festeiras do alagoa-novense, as suas “mais legítimas tradições” etc.

No Nordeste brasileiro, a perspectiva das festas juninas transforma as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela festa. Muitos nordestinos que se encontram fora de seus estados costumam economizar dinheiro, presentes, e voltar com eles para sua cidade natal, na época das festas juninas, a fim de comemorar os santos. No Sudeste, é comum que nordestinos abandonem seus empregos, falem por toda

12 Ao modo de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, para quem por “tradição inventada, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras táticas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” HOBBSAWM & RANCER, 1984, p.09.

13 A concepção de espetáculo proposta por Guy Debord; “considerado em sua totalidade. O espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto de modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos - o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo de espetáculos são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna”. DEBORD, 1997, p.14-15.

uma quinzena, peçam licença ou ofereçam ou se ofereçam para trocar o período do Natal por alguns dias de folga em junho, ou ainda negociam suas férias para gozá-las no meio do ano e poderem estar presentes às festas em sua terra. O mês de junho é um mês de fluxo migratório, e as companhias de transporte rodoviário e aéreo atestam este fato. Os turistas são o esperado público que se deseja conquistar e seduzir, pois, sendo a festa junina um evento construído para se instituir cada vez mais como um fenômeno turístico, sua presença e participação são fundamentais para garantir o sucesso do acontecimento junino.

A festa é um evento turístico, pois o mês de junho é o mês em que a cidade costuma receber turistas dos mais variados lugares; é o momento em que o comércio, a rede de hotelaria, os restaurantes, bares, vendedores ambulantes e todas as demais categorias do setor informal da economia, se voltam para construir e tornar possível o evento junino e aproveitam exatamente esse acontecimento para incrementar e maximizar seus ganhos e lucros econômicos.

Portanto, uma vez instituído o evento e alcançado êxito, o turista passa a ser idealizado como uma espécie de moeda de muito valor; é necessário que ele volte no ano seguinte para mais uma edição do “São João Tradição” e para que tal expectativa se torne realidade, o turista necessita ter incentivos, motivações, algo que o impulsione a regressar ao “arraial junino”.

Um fato recorrente observado na construção e execução da festa junina na cidade de Alagoa Nova é a participação e a presença dos políticos locais e de seus prepostos, não só em seus espaços, mas em todo um conjunto de produções discursivas que apontam para a disputa da festa como um bem, um instrumento de posse, de apropriação e de reivindicação à gestação do evento. De fato, a construção da festa junina no espaço urbano surge como um excelente campo de busca e concretização por prestígio e poder.

A fabricação da festa junina consubstancia-se, como um excelente espaço de comunicação dos políticos locais com o povo; os momentos de suas aparições públicas nos espaços da festa junina, configuram-se em uma oportunidade de, não só por em confronto a sua audiência e receptividade popular, mas, sobretudo, de criar um ambiente propício para a construção de perfis políticos. (LIMA, 2002, p.141).

Um dos momentos mais esperados pelos políticos locais é, sem dúvidas, o dia da abertura oficial da festa junina; momento em que o prefeito toma a palavra, e ao discursar, comumente engrandece a sua cidade e seu povo pelo majestoso evento que é oferecido aos cidadãos e aos turistas. A festa, nesse momento, transforma-se em uma espécie de palanque para um comício político; é a ocasião por excelência na qual os humores, as sensibilidades estão voltadas para a festa. Os políticos ansiosos esperam o veredito final, ou o famoso: “declaro oficialmente aberto ‘O São João Tradição’ deste ano”. É exatamente nesse momento que, da maneira subliminar e estratégica, o político passa a sua mensagem de festeiro, de “amigo do povo e da cidade”, de “administrador moderno”, pois, afinal, na sua administração, construiu espetáculo tão rico, popular e alegre; além de não esquecer de destacar a importância do evento como um instrumento de diversas economias para o município, para a divulgação da cidade etc.

A partir de então, a festa assume um contorno diferente, ela passa a ser a expressão da administração municipal, é o prefeito quem a constrói e a torna um fato concreto, real, um evento sem precedentes na e para a história do município.

A festa junina, no espaço urbano de Alagoa Nova é, portanto, pensada, montada e executada a partir das noções de pertencimento e identidade da festa como um bem da cidade e de seu povo. A festa não existe se essa dupla reação, daí porque a construção de toda uma gama de discursos que buscam objetivar a festa a partir da cidade que “se transforma e se

enfeita” para receber o São João, e de seu povo que, com o “seu espírito junino”, transforma em prática o acontecimento da festa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas festas que ocorrem nesse período, observamos a mudança no espaço do cotidiano da cidade de Alagoa Nova que vai se transformando em espaço festivo e incorporando novas práticas. A praça e o mercado público se configuram como lugares de encontro, tornando-se lugares festivos. E por ser a festa um campo de forças místicas e religiosas, midiática e econômica, bem como políticas e turísticas, adquire condições de “espetáculo urbano” evidenciando a construção de “crenças [...] para o cultivo e a transmissão coletiva de valor” (OLIVEIRA, 2010, p.30), correspondendo um patrimônio no período contemporâneo.

A festa junina no espaço sob este aspecto é multiplicidade; ela está nos planos dos políticos que a esperam para testar o seu prestígio junto ao eleitorado que preenche os espaços da festa; está na busca e esperança dos barraqueiros de conseguirem bons lucros com a oferta de bebidas e comidas expostas à venda; está na expectativa dos músicos, dos sanfoneiros anônimos, para, finalmente, mostrar o seu trabalho para um público ávido de diversão; está na vaidade de quadrilheiros e quadrilheiras ao apresentarem-se nos espaços da festa; está, enfim, no vir a ser de indivíduos que escolhem o acontecimento junino, como possibilidade de caminho, de trilha, de busca.

A festa é instituída, por exemplo, nos comércios locais, que exacerbam outra faceta do acontecimento junino: os ganhos econômicos, com a oferta da festa como um produto a ser consumido; na política do turismo, que adjetiva o turista como peça fundamental na e para a criação do evento; nas reuniões políticas, onde táticas e estratégicas estudam-se formas e alternativas de saber e de poder para fazer da festa um promissor ambiente para a construção de figuras políticas; nas esperanças e expectativas dos barraqueiros, para que o seu ponto” seja o mais visitado e requisitado pelos alagoa-novenses e turistas.

Neste sentido, a festa junina na cidade de Alagoa Nova é produto de diversas criações, sensibilidades, descontinuidades e devir. Ela não é tão somente a continuidade de uma “tradição junina”, nem tampouco, prova concreta de uma “ação popular” ou exemplo de uma “manifestação regional”. É uma linguagem infinita de símbolos, ícones, cenários, imagens e discursos. É uma invenção em sua materialidade e resultado de criações discursivas e imaginárias que buscam objetivá-la como um evento localizado, tradicional e popular.

A festa junina, tal como se apresenta todos os anos no referido município, é um espetáculo. Ela é um vir a ser no jogo do confronto entre a idealização do antigo com o novo, do rústico com o moderno, no primitivo com o desenvolvido; ela é um projeto que busca se objetivar em seus espaços, tornando-se um fato em sua prática e se subjetivar no imaginário dos festeiros, comerciantes, barraqueiros, empresários, músicos, políticos e etc, como a “festa do momento”, como a “chance” que não pode, nem deve, ser desperdiçada, que necessita ser vivida com toda a intensidade pela ocupação de todos os seus espaços.

A festa junina em sua versão urbanizada não é mais uma festa só para ser vivida, ela é gestada para ser vista. O novo “olhar” para a festa como um fenômeno da sociedade contemporânea. A festa junina em Alagoa Nova é simultaneamente uma conservação da tradição, porque preservam em seus espaços fragmentos dos discursos bíblico e folclórico, bem como determinadas práticas e rituais da “festa junina da roça”; ela é uma invenção, porque cria o fenômeno e o espetáculo da festa junina no espaço urbano, amparada na tríade: festa-povo-cidade; e é uma apropriação da tradição enquanto práticas e discursos que permitem a leitura do evento como um campo aberto a intencionalidades: nos campos econômico, político, social e cultural.

## REFERÊNCIAS

BONNEMAISON. J.; ORSTOM. V. Viagem em torno do território. Trad. Márcia Trigueiro. In: CORRÊA. R. L.; ROSENDAHL. Z. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj. 2002. p. 83-132.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História**. Campina Grande: Editora da UFCG, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo- Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, contraponto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**, São Paulo: Brasiliense, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1993.

HOBBSAWM. Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

MELO, Veríssimo de. **Superstição de São João**. Natal, Pequenas Edições “Bando”, 1993.

**IBGE, Censo 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: Maio de 2019.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéia, 2002.

OLIVEIRA, Christian D. **Festas Populares Religiosas e suas Dinâmicas Espaciais**. Mercator- Revista de Geografia da UFCG, ano 06. N. 11, 2007.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo Ano Tem: As Festas na Estrutura Social Camponesa**. Dissertação de Mestrado. PPGAS, Museu Nacional/UFRJ. 1977.

SALES, José Borges de. **Alagoa Nova: Notícias para a sua História**. Fortaleza, Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso Ltda, 1990.

STEINEM, KARL VON DEN. **Crendices Populares de Cuiabá**. CASCUDO. Luis da Câmara. **Antropologia do folclore Brasileiro. Séculos XVI-XVII-XVIII, Os Cronistas Coloniais. Os Viajantes Estrangeiros**. 3a ed. Vol. I, São Paulo, Edição Martins, 1956.

## FONTES ORAIS

Givonaldo Alves do Nascimento. Entrevista concedida entre os dias 19 de abril e 10 de junho de 2019.

Otávio Leite Sobrinho. Entrevista concedida entre os dias 15 de março e 20 março de 2019.

Luís Avelima Lima. Entrevista concedida entre os dias 13 de abril, 10 junho e 12 de junho de 2019.

Ana Lúcia Alves de Aquino. Entrevista concedida entre os dias 21 de junho, 11 de julho e 13 de novembro de 2019.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, todo poderoso, quem me deu a dádiva de uma vida plena e perfeita e proporcionou-me desenvolver todas as minhas faculdades biológicas, mentais, sociais e emocionais em plenitude, possibilitando assim desenvolver este trabalho científico de grande valor a minha vida.

À minha família, por todo apoio, incentivo e amor, especialmente a minha mãe, Eliana e irmão, Kaio Rafael, a quem dedico as minhas conquistas.

À memória da minha avó, Maria do Carmo, que apesar de não estar presente fisicamente em minha vida, mora em meu coração e guia-me com seus sábios ensinamentos.

Aos amigos de graduação, Áurea, Lucineide e José Jorge, minha gratidão por todo companheirismo durante a graduação.

Aos amigos, Stephano Tomaz, José Túlio, Rayan, Maria Isabel e José Antônio, que não negaram força e ficaram na torcida, meu muito obrigado.

Ao querido professor Dr. Iordan Queiroz, por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora e pelas contribuições que com certeza serão úteis para a continuidade do estudo sobre a temática;

Ao meu nobre orientador, Dr. Flávio Carreiro, a quem admiro como pessoa e como profissional. Obrigado pelas suas prontas e devidas intervenções como orientador presente no processo de construção deste trabalho.

Um agradecimento especial ao professor e amigo, Me. Luiz Carlos, pelas recomendações e críticas e sobretudo, pela compreensão e atenção.

À Universidade Estadual da Paraíba, instituição à qual devo toda a minha formação acadêmica. A minha experiência construída ao longo dos cinco anos, Por tudo isso, devo muito do que sou, profissional e pessoalmente, a esta universidade, que merece meu reconhecimento e gratidão.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa em História Local (NUPEHL), o qual faço parte e que em muito tem contribuído para minha formação acadêmica e no direcionar de novos olhares o fazer história local.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.